

## HISTÓRIA E IMPRENSA: DEBATES SOBRE RACISMO E OS PADRÕES PRESENTES NO JORNAL O RIO BRANCO

## HISTORY AND PRESS: DEBATES ON RACISM AND THE STANDARDS PRESENT IN THE RIO BRANCO NEWSPAPER

*Alice da Silva Leão<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa quanti-qualitativa realizada na cidade de Rio Branco – Acre, durante os anos de 2019 e 2020. O projeto se encontra em curso e está vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Está sendo usado como fonte de pesquisa o jornal O Rio Branco nas versões impressa e digital, visando realizar um levantamento de dados dos anos de 2015 a 2019, buscando observar se após a criação de algumas políticas de reparação histórica (ações afirmativas, leis de ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena), os jornais rio-branquenses possuem uma representação da população negra e de que maneira ela se manifesta, examinando os padrões nas colunas em que são notórias a presença (e ausência) da comunidade negra. Como referencial foi utilizado: Albuquerque (2016), Barros (2012), Pontes; Ban (2018), Oliveira (2017) e Oliveira (2011). Todos os dados informados fazem parte da pesquisa, também vinculada ao Projeto de Iniciação Científica da UFAC, no qual tomo parte como voluntária, no período anual de agosto de 2019 a 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo; História e Imprensa; Igualdade Racial.

### ABSTRACT

The present work is a quantitative and qualitative research developed in the city of Rio Branco - Acre, during the years 2019 and 2020. The project is ongoing and is linked to the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI) at the Federal University of Acre (UFAC). It is being used as a research source the newspaper O Rio Branco in printed and digital versions, aiming to accomplish a data collection from the years 2015 to 2019, seeking to observe if after the creation of some historical recovery policies (affirmative actions, laws 10.639/03 and 11.645/08), newspapers from the city of Rio Branco have a representation of the black population and how it manifests itself, examining the patterns in the columns where the presence (and if there's presence) of the black community is notorious. As reference were used: Albuquerque (2016), Barros (2012), Pontes; Ban (2018), Oliveira (2017) e Oliveira (2011). All data reported are part of the research, also linked to the Scientific Initiation Project - PIVIC / cnpq.

**KEYWORDS:** Racism; History and press; Racial Equality.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC.  
E-mail: aliceleaob1@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema pesquisado, intitulado “História e Jornalismo: as representações dos negros na imprensa rio-branquense”, traz reflexões acerca da temática que é o racismo estrutural e suas múltiplas formas de manifestação na imprensa. O presente projeto, que se encontra em desenvolvimento, faz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Federal do Acre (Ufac), e abrange os anos de 2015 à 2019, em três diferentes jornais da cidade de Rio Branco – Acre, são eles: “O Rio Branco”, “A Gazeta” e “Página 20”.

Visando verificar o impacto das Ações Afirmativas na representação da população negra acreana, é realizado um trabalho de investigação nas diversas colunas dos jornais, buscando a presença ou ausência dos mesmos, para que se possa estabelecer um padrão diante do que é exposto e como são trabalhadas as questões raciais, sendo através da observação de imagens, manchetes, coluna social, página policial, política ou de temática cultural.

A utilização da imprensa como fonte histórica, apesar de ser algo bastante criticado na historiografia, é imprescindível. A partir da utilização de jornais podemos obter informações que refletem o objeto de estudo anteposto, havendo ainda, possibilidade de reinterpretar e dialogar com a fonte, mantendo uma postura crítica e consciente dos critérios subjetivos presentes em um texto jornalístico (OLIVEIRA, 2011, p. 2).

Durante a investigação da temática, é importante considerar a temporalidade e a credibilidade das narrativas, para que possamos compreender os acontecimentos, a maneira como são representados, e a articulação do jornal analisado – quem o escreve e para qual público se destina – ainda, é necessário contextualizar para além destes critérios, pois a pesquisa é realizada através de uma perspectiva historiográfica de um lugar de produção específico, que parte de uma percepção advinda de um lugar social (BARROS, 2012, p. 411). Isto é, os textos constituídos como fonte histórica aqui investigados, bem como as percepções do pesquisador que os analisa, estão inseridos e vinculados à lugares sociais que devem ser considerados.

Contudo, é necessário levar em consideração a importância da mídia na representação dos grupos sociais, aqui destacado os negros, que em consequência as ações afirmativas estão ganhando visibilidade no meio social com um enfoque diferenciado, e por isso, as presenças nos campos midiáticos devem ser examinadas.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Por muitos anos a imprensa foi excludente para com a comunidade negra. Os periódicos eram produzidos por pessoas brancas para pessoas brancas, não obstante a criação da Imprensa Negra ainda no séc. XIX no intuito de ser feita e produzir material para as populações negras, o que se verificou ao longo dos tempos é a hegemonia branca sobre os veículos de comunicação. Neste sentido, a exclusão social era explícita durante o primeiro século da imprensa no Brasil, ademais vexatória, como afirma a historiadora Ângela Pereira Oliveira:

Nas primeiras décadas do século XX, a aparição de negros (as) nos jornais de grande circulação não era comum, exceto em casos policiais nos quais intencionalmente se destacava a cor da pele reforçando concepções racistas (do negro criminoso, desocupado, vadio e malandro). Os negros não eram representados (as negras menos ainda) apesar de estar, em diversos casos, entre os trabalhadores das tipografias, das gráficas e das redações. Mais um ponto que demonstra como as relações raciais no Brasil não eram/são amenas. (OLIVEIRA, 2017, p. 7).

Os jornais surgiram refletindo uma realidade vivenciada por muitos, regido por um eurocentrismo que determinava as recorrentes notícias disseminadas, se tornando progressivamente formador de opinião para o público leitor branco ou embranquecido, constantemente reforçando estereótipos, colaborando para a propagação de um racismo enraizado e disfarçado na falta de representatividade positiva, tornado a população negra evidente apenas nas manchetes policiais onde a presença se fez frequente nos séculos XIX e XX, e ainda se faz frequente no século XXI, como constatado no desenvolvimento da pesquisa.

Através da utilização de uma metodologia quantitativa, onde é realizada uma leitura de todos os exemplares encontrados entre os anos de 2015 a 2019, e qualitativa, onde os jornais estão sendo qualificados e transformados em objetos de pesquisa, foi possível realizar um levantamento de dados nos diferentes jornais no marco temporal, evidenciando a ausência da população negra em colunas específicas, assim como a frequente presença em outras, constatando o que foi anteriormente abordado.

Para a análise documental das edições publicadas entre 2015 a 2019 do jornal O Rio Branco tem sido utilizado uma ficha de registro, onde descrevemos de que maneira identificamos negros e negras nas diferentes colunas, realizando observações e contabilizando o número de vezes que encontramos alguma manifestação representativa. Não são realizadas entrevistas, sendo todo o trabalho desenvolvido a partir de uma minuciosa análise do corpus documental reunido e utilizado

como fontes passíveis de interpretação historiográfica, daí nosso enquadramento também como um trabalho qualitativo e por amostragem.

Como fonte de pesquisa aqui trabalhada, foram utilizadas as edições do jornal impresso e digital O Rio Branco, como proposta inicial de investigação os anos de 2015 à 2019, inquirição que no presente momento está em curso. O material pode ser encontrado no Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) da Ufac e no site *oriobranco.net*, que consta com uma versão digital dos periódicos. Para o manuseio dos jornais impressos, encontrados no CDIH da Ufac, é necessária a utilização de luvas de látex descartáveis, e é permitido fotografar sem a utilização de flash, como medida de preservação dos documentos. Bom ressaltar que a possibilidade de fotografias sem uso do flash decorre da autorização do bibliotecarista responsável pelo CDIH, que asseverou por se tratar de material relativamente recente não sofreria desgastes com o uso de fotografia digitais feitas de celulares.

Durante esse processo foram encontradas dificuldades para realização da pesquisa, pois: O modelo digital do jornal só está disponível no site O Rio Branco a partir do ano de 2019, inviabilizando por esse meio o acesso aos anos anteriores. Outra constatação foi de que no formato digital consta uma versão reduzida, onde a coluna social e os classificados aparecem de maneira esporádica. No CDIH, há uma escassez no acervo do jornal analisado, constando apenas alguns meses dos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. E algumas dessas edições se encontram incompletas ou com números repetidos. O jornal impresso é distribuído em formato preto e branco, diferentemente da versão digital, o que dificulta a percepção da presença de negros de pele clara devido a qualidade da impressão.

O referencial teórico aqui posto como embasamento na pesquisa, é um conjunto de obras desenvolvidas por Mestres e Doutores em História, Mestres e Doutores em Jornalismo e Comunicação Social, bem como pesquisadores na área de imprensa negra. Dentre eles destacamos Barros com a ideia de lugar de produção, Lucca, Cruz e Peixoto com instruções sobre as formas de lidar com as fontes hemerográficas.

Até o presente momento foram analisados 10 (dez) meses do jornal O Rio Branco, sendo 1 (um) mês referente ao ano de 2015 (janeiro), três (3) meses referentes ao ano de 2017 (janeiro, abril e julho), 1 (um) mês referente ao ano de 2018 (janeiro) e 5 (cinco) meses referentes ao ano de 2019 (janeiro, fevereiro, março, abril e maio), totalizando cerca 110 jornais analisados, reiterando que alguns meses se encontravam incompletos no acervo do Centro de Documentação e Informação Histórica.

Foram cerca de 110 jornais analisados, e em apenas 17 publicações a comunidade negra apareceu identificada, de distintas maneiras que serão abordadas a seguir. Em Janeiro de 2015, a página 2 da edição nº 11.063 conteve um artigo intitulado “Por que no meio da dor os negros dançam, cantam e riem?” escrito pelo teólogo Leonardo Boff, que era na verdade a republicação de um artigo já postado em outro veículo de comunicação. Na edição 11.067 do mesmo mês, uma notícia na página 5 teve como título “Secretária fala sobre estudo relacionado à morte prematura de jovens negros no Estado”. A edição 11.080, em sua página 6, também obteve uma notícia, essa intitulada “Plano para reduzir violência contra a juventude negra é apresentada em evento na capital”. Tais artigos, que estão expostos a seguir, tem como eixo comum a colocação das populações negras como excêntrica, destacando-se pelo não integrar-se, são as comunidades negras tidas como perigosas porque as chamadas dos textos dizem serem espaços de mortes prematuras e violência, mas não obstante as adversidades ainda se manifestam com músicas e dança. O próprio enfoque feito as populações negras, toma por postura a valorização do caráter extraordinário, porém não por sua resiliência, mas, pela peculiaridade, pelo seu aspecto de estranhamento.

Figura 1 – Artigo



Fonte: Jornal O Rio Branco, edição 11.063, p. 2 – janeiro de 2015.

Figura 2 - Notícia



Fonte: Jornal O Rio Branco, edição 11.067, p. 5 – janeiro de 2015.

Figura 3 – Notícia



Fonte: Jornal O Rio Branco, edição 11.080, p. 6 – janeiro de 2015.

No ano de 2017, a edição 11.623 de janeiro, foi identificado um artigo intitulado “Uma cota, por favor!” escrito por Susani Silveira Lemos França, professora em História Medieval na UNESP/Franca. Em abril do mesmo ano, um artigo que aborda “O futebol como meio de inclusão social” menciona os negros como em situação de exclusão, se fez presente na edição 11.670. Em julho, a edição 11.747 teve como notícia “Quinzena da mulher negra é aberta durante solenidade em Rio Branco”. De tal modo, nos artigos ora comentados e apresentados a seguir, as populações negras são vinculadas a cultura com a discussão de cotas, ao esporte como possibilidade de inserção e ascensão, além de associar a interseccionalidade entre gênero e etnia ao mencionar a quinzena da mulher negra.

Figura 4 – Artigo



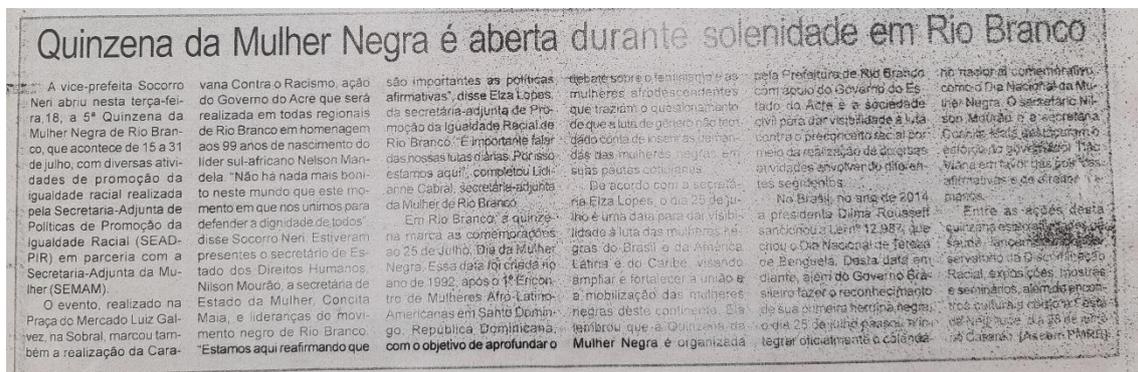
Fonte: Jornal O Rio Branco, ed. 11.623 – janeiro de 2017.

Figura 5 – Artigo



Fonte: Jornal O Rio Branco, ed. 11.670 – abril de 2017.

Figura 6 – Notícia



Fonte: Jornal O Rio Branco, ed. 11.747 – julho de 2017.

Em 2018, a edição 11.789, teve na página principal (capa do jornal) o título “A partir de agora, cadastros da PMRB deverão constar raça e etnia dos usuários”. A referida lei visa promover a igualdade racial no estado. Desta feita a questão étnico-racial foi empregada diretamente no texto referente a políticas públicas municipais, intentando propositura de igualdade no acesso a educação, saúde e assistência pelos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), mas, fica a inquietação de que essa caracterização já não identifica as populações negras em condição vulnerabilidade e por isso clientes destas engrenagens.

Figura 7 - Capa

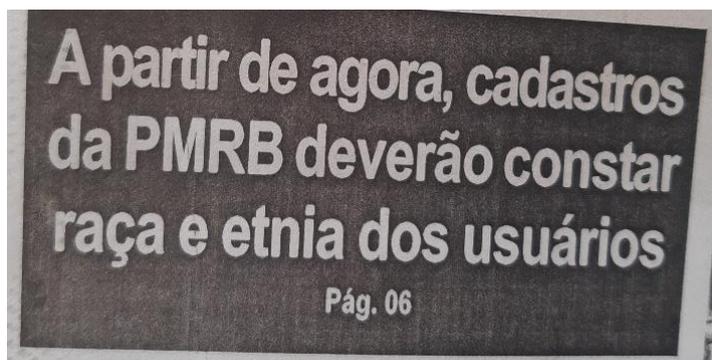
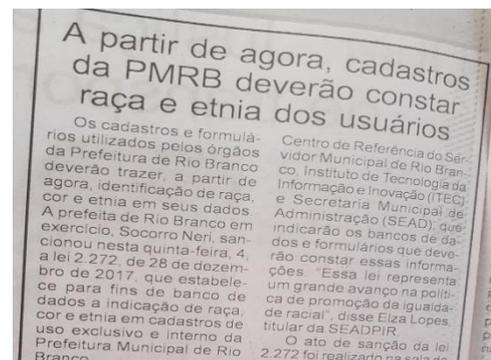


Figura 8 – Página 6



Fonte Figuras 7 e 8: Jornal O Rio Branco, edição 11.879 – janeiro de 2018.

Em 2019, nos 5 (cinco) meses analisados através do formato digital, foram encontradas 10 notícias que abrangem a temática aqui pesquisada, destacando que até o presente momento da pesquisa este foi o ano em que se observou uma caracterização maior e mais positiva das populações negras.

Em janeiro de 2019, a edição 12.177, na página 4, a coluna Esplanada por Leandro Mazzini, que é republicada no “O Rio Branco” e faz parte de outros meios de comunicação, abordou as

comunidades Quilombolas e as dificuldades que encontrariam nos anos seguintes por conta da reforma ministerial do governo de Jair Bolsonaro, destaque relevante é o espaço destinado a falar sobre comunidades quilombolas, apesar de não existir identificação de nenhuma no Acre.

A edição 12.206, de fevereiro de 2019, conteve o artigo “Negros no Oscar e incentivo social” escrito pela psicóloga Ellen Moraes Senra, na página 2, a publicação era motivada pela participação e premiação dos filmes “Pantera Negra”, “Green Book: o guia” e “Infiltrado da Klan”, sendo considerado um ano marcado pelo maior número de premiações a negros e negras, desde atriz e ator coadjuvante, roteiro adaptado, direção de arte, figurino e animação. Relevante pensar que ao mesmo tempo que a premiação marcou um ano de mais espaços ocupados, primou por colocar as populações negras em posição central no enredo das películas, embora os maiores prêmios aos atores tenham sido como coadjuvantes...

Em março daquele ano, o proprietário do jornal “O Rio Branco”, Narciso Mendes, trouxe em sua coluna política um artigo que assinou, na página 3, intitulado “Quem mandou matar Marielle?” enfatizando que a mesma jamais cairá no esquecimento por ser uma vereadora, mulher, negra, favelada e lésbica. A nosso ver ousadia na linha editorial permitida apenas ao proprietário do periódico.

Na edição 12.226, ainda em março, uma notícia teve como título “Políticas de promoção da igualdade racial serão tema de qualificação” e a mesma edição contou também, na página 7 (policia), com uma condenação de prática de racismo, de título “Acreana que afirmou que ‘não receberia ordens de um negro’ é condenada”. Seguindo ainda a trajetória da página 7, destinada ao segmento policial, em abril, a edição 12.227 abordou a efetividade da Lei de Racismo aplicada a homofobia, no título “Lei de Racismo: juiz acata denúncia do MPAC contra internauta por postagens homofóbicas”. Na edição 12.235, a página policial trouxe o título “Fazendeiros mantinham 38 trabalhadores em condição de trabalho escravo”, sendo perceptível através da imagem da notícia uma pessoa de pele retinta. O que mais uma vez demonstra a vinculação de notícias sobre a populações negras e temáticas correlatas expostas como assuntos policiais. Contudo, aqui as conotações se mostraram mais positivas, vez que o crime de racismo estava sendo punido e a legislação referente a isso era utilizado por analogia para penalizar homofobia. Entretanto, ao abordar as questões de trabalhadores rurais escravizados, esbarramos mais uma vez com o estigma da escravidão negra.

Ainda em 2019, na edição 12.245, do dia 17 de abril, a página 4 (cidade), trouxe uma imagem de pessoas de religiões de matriz africana, com o título “Kátia Rejane recebe representantes de religiões de matriz africana no Ministério Público”, a procuradora citada atua na área de direitos

humanos. Por fim, em maio, na edição 12.265 publicada no dia 15, constou com um artigo na página 2, escrito pela coordenadora de Projetos de Direitos Humanos do Instituto Ethos, Sheila de Carvalho, com o título “No Brasil, racismo é coisa rara? O posicionamento presidencial e os reflexos de uma abolição inconclusa” e na página 5 (geral), a notícia “Com o apoio do governo, evento traz reflexões sobre o movimento negro depois da Abolição”. Essas notícias também demonstram como as populações negras “ressurgem” nas folhas de jornais durante os eventos alusivos a Abolição da escravidão no mês de maio ou nas atividades em prol da consciência negra em novembro. Não obstante tais recorrências, há de se ressaltar (ao analisar as notícias de maio de 2019) que o enfoque é associativo aos direitos humanos, em especial a liberdade religiosa, combate ao racismo e a condição de vida das populações negras após a libertação dos escravos.

Além das notícias e artigos aqui comentados, outras notas foram inevitáveis: Em diversas edições do jornal há uma propaganda em que aulas de capoeira são divulgadas, e nas imagens, duas pessoas brancas realizam o que por muitos praticantes é considerado uma expressão cultural negra, levando em consideração também a história da capoeira – o que vale a observação é a ausência de representatividade em um espaço que poderia haver. Nas colunas sociais, só foi identificada uma única vez uma pessoa de pele retinta, curiosamente a jornalista Glória Maria, que aparecia junto a uma empresária acreana por tê-la encontrado durante uma viagem ao Rio de Janeiro (edição 12.254, ano 47, p. 12 – maio de 2019). Em outras colunas, como política, surgiram outras aparições simultâneas, todavia em sua maioria, a população negra se fez presente como receptores de uma ajuda governamental.

Separei esse parágrafo para discorrer sobre a página policial do jornal analisado. Reitero que para essa análise, o ano de 2019 foi utilizado visto uma melhor desenvoltura quantitativa, por ser a versão colorida e de melhor qualidade, tornando possível a percepção não só de negros retintos como de pele clara. Foram cerca de 100 jornais digitais analisados, referentes aos 5 (cinco) meses anteriormente citados, desses, 65 publicações possuíam pessoas negras como executoras de violência. Dos jornais que não apresentaram negros em colunas policiais, é necessário mencionar que em sua maioria não constava imagens de pessoas, somente objetos que indicavam o crime abordado. Ao observar a padronização aqui reconhecida, se torna perceptível a não intencionalidade das notícias nas páginas policiais, visto que “uma fonte histórica pode ser produzida voluntariamente ou involuntariamente” como afirma José D’Assunção Barros (2012, pg. 140). Assim verifica-se apenas o reflexo das condições do meio social. A percepção da relação entre meio social e imprensa é constantemente debatida na área “[...]nos acode a chamada ‘função social da imprensa’ em que se compreende a imprensa escrita sob a ótica da História Social

enquanto ‘prática social’, ou seja, colaborativa na construção de ‘memórias e viveres urbanos’[...]” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 5). Essa construção tem como fator determinante as compreensões aqui debatidas, como a ausência da população negra em situações de poder e a constante aparição em situações de vulnerabilidade. Ser conhecedor de que o padrão presente no campo midiático deve ser problematizado é estar ciente de uma problemática histórica:

A invisibilidade negra nos meios de comunicação é histórica, mas que, ao longo do tempo, conforme Sodré (1999, p.15) lembra, foi amenizada por mecanismos sutis e internos de discriminação, que não reconhecem a exclusão do outro no processo de diferenciação. Segundo o autor, são várias as estratégias narrativas utilizadas para evitar a aceitação de racismo no Brasil, onde quanto mais visível for a cor do indivíduo, maior sua invisibilidade social” (PONTES; BAN; 2018, p. 126)

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa, apesar de inconcluso, elucidou algumas questões que durante o cotidiano são pouco debatidas, como o racismo oculto no campo midiático, que já faz parte de toda a estrutura de uma sociedade, por muitos séculos dizimando uma população que até o presente momento sofre as consequências de um passado abominável.

Os jornais, desenvolvidos por pessoas brancas para pessoas brancas, foram responsáveis por propagar uma grande parcela dos discursos racistas utilizados durante os séculos XVIII, XIX, XX e até o presente século XXI. Apesar de oculto e perceptível na ausência, é possível verificar os padrões existentes nos periódicos: negros majoritariamente em páginas policiais como criminosos, com aparições esporádicas em colunas culturais e quase inexistentes em colunas sociais.

Durante a realização das investigações foi possível constatar o racismo presente na falta de representatividade e nas escassas menções as pessoas pretas. No estado do Acre, onde mais de 70% da população se reconhece como negra (IBGE, 2013), somos levados a seguinte indagação: onde estão e por que sua existência se limita a colunas específicas nos periódicos? A desigualdade se torna indubitável, e há somente uma explicação para isso.

A discussão aqui trabalhada merece um olhar crítico e uma reflexão maior, devido sua importância e carência de debate a respeito da temática. Que a nosso ver é ignorada pela falta de credibilidade dada a utilização de jornais como fonte histórica, bem como os desestímulos decorrentes das dificuldades constatadas durante a execução da pesquisa, no que concerne a lacuna nos acervos digitais e físicos.

A percepção da desigualdade e o debate sobre as situações em que o racismo se manifesta, podem ser, a priori, o primeiro passo para que a temática possua cada vez mais visibilidade, levando o assunto aos meios de comunicação. Viabilizando aos pretos e pretas da comunidade a terem rostos e vozes nos periódicos, não se limitando apenas as categorias de violência, a fim de promover a igualdade racial.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, N. B. M. História e Jornais: diálogos sobre a produção historiográfica. In: **IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, 2016, Rio Branco**. Anais do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, 2016. p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/norte/4o-encontro-2016/gt-historia-do-jornalismo/historia-e-jornais-dialogos-sobre-a-producao-historiografica/view>. Acesso em: 04 mar. 2020.

BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.25, n.2, jul./dez. 2012, p. 407.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica**. Mousseion, n.12, mai-ago/2012, p. 129-159.

PONTES, Felipe Simão; BAN, Gustavo Yoshio. **A (não) representação das negras e negros no jornal laboratório foca livre**. Revista ALTERJOR, Grupo de estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 09, volume 02, edição 18. Julho-Dezembro de 2018.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. **A imprensa negra como fonte para a histórica social do negro**. 2017. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. História, Rio Grande. 2 (3), 125-142, 2011.

Data de submissão: 13/04/2020

Data de aprovação: 14/05/2020